



## As Ausências que nos Perseguem

Há mais de um ano a esta parte, qualquer que fosse a perspetiva e expectativa de futuro de todos e de cada um de nós, ninguém, nem na mais criativa hipótese, equacionaria a realidade que estamos a viver e a experienciar, já há algum tempo, e que teima em nos acompanhar.

Recuando para março de 2020, já com a Covid-19 a alastrar-se pela Europa, nem o mais pessimista dos cenários previria a dura e duradoura realidade que agora atravessamos, ainda para mais numa sociedade ponderada que se quer da ciência, da tecnologia e do digital e que se diz moderna e evoluída, mas que, evidentemente, não está, de todo, preparada e à altura do desao com o qual se constatou e ainda enfrenta.

Esta realidade, embora não seja inaudita e já se tenha verificado em anteriores momentos da nossa história, ainda que noutros contextos civilizacionais, não fazia parte do imaginário de ninguém, a não ser num guião de cinema de ficção científica em que se recriasse uma ideia de um possível m do mundo.

A verdade é que estamos a viver uma pandemia que, de modo avassalador, tem vindo a moldar o quotidiano de cada um de nós, a nível micro, e de cada um dos países, nações e civilizações, a nível macro, acentuando, cada vez mais, as divisões, diferenças, desequilíbrios e desigualdades pré-existentes, contribuindo, também, para o surgimento de, ainda, novas cisões.

Assim, é notório que continua a existir um longo caminho a percorrer para que o retorno à antiga normalidade seja efetivo e para o alcançar da tão querida equidade e justiça civilizacional global, muito ambicionada para o mundo contemporâneo.

Esse caminho é, no entanto, marcado por muitas ausências, ausências estas que a pandemia nos foi impondo e que, por se vericarem cumulativamente, têm vindo a pesar, cada vez mais, no nosso dia a dia.

A ausência da previsibilidade, da rotina, do hábito, do ritual e do costume tem tido em nós um

evidente impacto, alcançando diariamente todas as faixas etárias, forçando-nos a abdicar do controlo sobre alguns dos nossos direitos e liberdades, a lidar com o inesperado, a programar apenas a curto prazo, e a viver, mais do que nunca, um dia de cada vez. Assim, ambicionando não perder a esperança no futuro, vivemos hoje precavidos e atentos para que haja um amanhã melhor.

A ausência de informação clara, adequada, plural e digna, devidamente comunicada e que privilegie a qualidade em detrimento da quantidade, tem con-



DIREITOS RESERVADOS

duzido a um consensual descrédito nas lideranças e nos poderes instituídos, que, muitas vezes, contribuem proativa e demagogicamente para o agravamento da constatação em apreço.

DIREITOS RESERVADOS

A ausência da cultura, nas suas mais diversas manifestações, um dos maiores reverses desta crise, tem vindo a originar fatalidades imensuráveis, na sua generalidade, impercetíveis ao primeiro relance. No futuro aperceber-nos-emos da profundidade deste golpe e das suas nefastas consequências.

A ausência de informação clara, adequada, plural e digna, devidamente comunicada e que privilegie a qualidade em detrimento da quantidade, tem conduzido a um consensual descrédito nas lideranças e nos poderes instituídos, que, muitas vezes, contribuem proativa e demagogicamente para o agravamento da constatação em apreço.

A ausência da cultura, nas suas mais diversas manifestações, um dos maiores reverses desta crise, tem vindo a originar fatalidades imensuráveis, na sua generalidade, impercetíveis ao primeiro relance. No futuro aperceber-nos-emos da profundidade deste golpe e das suas nefastas consequências.

A ausência de prioridades, muitas vezes invertidas e cada

## Romeiro, quem és tu? A nossa casa é Jesus

“As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.” (Lucas 9, 58)

DIREITOS RESERVADOS

É com espírito de missão e com o coração reconhecido pela amizade que encontrei entre os irmãos romeiros de São Miguel, que inicio esta rubrica de reflexão cristã dentro da espiritualidade das belas romarias quaresmais.

“Romeiro, quem és tu?": essa é a penúltima frase da mais famosa peça de teatro escrita em Portugal, de Almeida Garret: “Frei Luís de Sousa”. Mas vai servir de mote para estas reflexões, que eu gostaria que fossem uma ajuda a que o romeiro se encontre consigo mesmo, porque ser romeiro não é apenas a vivência de uma semana, mas um roteiro para toda a vida.

Jesus Cristo fez da Sua vida uma romaria: nasceu sem-abrigo em Belém, foi refugiado no Egito, percorreu a pé as margens do Mar da Galileia, chamando os primeiros Apóstolos, passava noites nos montes a rezar, percorreu todo o Israel. A frase que serve de cabeceira a esta reflexão diz tudo da vida de Jesus: não tinha onde reclinar a cabeça.

Ser romeiro é ter a consciência de que nada é nosso, que não temos aqui morada permanente a todas as coisas menos ao amor.

Bem-aventurados os pés dos caminhantes que anunciam a paz ✦

PE. JOSÉ JÚLIO ROCHA



Pe. José Júlio Rocha

FOTO FERNANDO RESENDES



vez mais deturpadas, onde o bem comum, frequentemente, sai diminuído em prol do bem individual, agravando-se a instabilidade laboral e acentuando-se as desigualdades sociais, tem resultado num manifesto e notório aumento do fosso que se sabe existir entre os mais frágeis e os restantes outros.

A ausência dos afetos e dos sentires, só possíveis pela presença e a convivência física, e que, apesar de todos os tão diversos, completos e plurais contatos digitais que estão atualmente à nossa disposição, tem se revelado acutilantemente degradadora, até porque, toda e qualquer interação virtual ca, em muito, aquém da real experiência que é reencontrar, à mesa, um amigo ou, inesperadamente, conhecer alguém novo.

A ausência de afetos e dos sentires, só possíveis pela presença e a convivência física, e que, apesar de todos os tão diversos, completos e plurais contatos digitais que estão atualmente à nossa disposição, tem se revelado acutilantemente degradadora, até porque, toda e qualquer interação virtual ca, em muito, aquém da real experiência que é reencontrar, à mesa, um amigo ou, inesperadamente, conhecer alguém novo.

A ausência irrecuperável que decorre do tempo ido, que só ui num sentido, e das oportunidades que a vida em espera não nos permite agarrar ou sonhar com, tem levado, inevitavelmente, a muitos “e se”.

A ausência irrecuperável e incurável dos entes queridos que vão partindo, sozinhos, sem a proximidade dos seus, sem um último adeus e, muitas vezes, sem a devida, reverente e solene homenagem, tem vindo a avolumar o desamparo e o desalento daqueles que, infelizmente, experienciam tamanho tormento.

Enm, poder-se-ia elencar muitas mais ausências, na certeza que seria impossível referi-las todas.

Lá está, as ausências são pessoais e intransmissíveis pois cada qual tem e sente as suas de modo muito particular e íntimo.

Acredita-se que, moral e eticamente, como em qualquer momento de crise, vem ao de cima o melhor e o pior do ser humano, contudo, particularmente nas circunstâncias atuais, é vital manter-se acesa a chama da esperança e efetuar-se uma ponderada gestão de expectativas.

Anal de contas, quem de nós se encontrava preparado para todas estas e outras ausências que nos assaltaram e agora teimam em nos perseguir? ✦

IR. TOMÁS SOUSA FERREIRA



Ir. Tomás Sousa Ferreira